



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

O BOMBEIRO PORTUGUEZ : folha quinzenal.¹ Periódico fundado, no Porto, a 2 de Abril de 1877. Na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa existe do n.º 43 (2.º ano, 1879) ao n.º 21 (7.º ano, 1884). Quanto ao seu término, a Biblioteca Nacional de Portugal indica a data de 1889, mas a Biblioteca Pública Municipal do Porto apresenta, na sua colecção, um número de 15 de novembro de 1892.

Saía nos dias 1 e 15 de cada mês, periodicidade que cumpriu com raras excepções. A primitiva redação foi na Rua do Bonjardim, 107, e a sede da administração na Rua Fernandes Tomás, 128, no Porto. O número avulso vendia-se a 50 réis e fora da quinzena cada número antigo era vendido a 200 réis. A impressão era feita na tipographia de Artur José de Sousa & Irmão (Largo de S. Domingos, 74, no Porto), tendo-o sido, primitivamente, na Tipographia Oriental (Rua de Entre Paredes, 35 a 37, também no Porto). Cada número compreende 8 páginas, a duas colunas de composição. Muitos dos números saíram com retratos de bombeiros ilustres, na primeira página, inserindo nas páginas interiores diversas gravuras, representando aparelhos de combate ou de prevenção contra incêndios, utensílios, armamento, entre outros objetos, e ainda anúncios. Há colaborações dispersas, conhecidas através das assinaturas, por exemplo, de Carlos Barreiros, inspetor dos incêndios de Lisboa, bem como alguns poemas de diferentes autores publicados num número de homenagem a Luís de Camões (10 de Junho de 1880). Embora o interesse da publicação fosse limitado à especialidade bombeirística, o periódico era lido por centenas de leitores fora da atividade.

O jornal não apresenta ficha técnica que permita apurar os responsáveis pela publicação, sendo recorrente a atribuição das funções de direção e redação a Guilherme Gomes Fernandes (1850-1902)² e a filiação aos Bombeiros Municipais do Porto. Mesmo na época, a natureza d'*O Bombeiro Portuguez* terá suscitado equívocos que justificaram esclarecimentos. Em 1 de janeiro de 1883, no 6.º ano de publicação, lia-se na secção Expediente: “O abaixo assignado, declara que é para todos os efeitos e perante a lei, o único responsável pelos artigos publicados n’este periódico. Mais declara que o *Bombeiro Portuguez* não é órgão de corporação alguma. J. R. da Cruz”.³ Nova declaração de independência é feita no número inaugural do 7.º ano do jornal, em 1 de abril de 1883, no editorial de abertura: “Passa o nosso humilde quinzenário por ser o órgão da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto. Por vezes o temos declarado e de novamente o fazemos: *O Bombeiro Portuguez* não é órgão de associação ou corporação alguma e muito menos da dos Bombeiros Voluntarios do Porto a quem o não prendem sequer as relações de camaradagem. Precisavamos para descargo de consciência de fazer esta declaração. É certo que temos defendido os seus interesses, que muitas vezes nos tem merecido sincera dedicação e assim continuaremos, sem que essa dedicação nos cegue. Se os Bombeiros Voluntários do Porto falsearem a sua missão seremos tão inexoráveis como até hoje temos sido benévolo e justos”.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/obombeiroportuguez/obombeiroportuguez.htm>

² Co-fundador da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários (1874-75) e do Corpo de Salvação Pública, nomeado Comandante do Corpo de Bombeiros em 1877 e Inspetor de Incêndios do Porto em 1885. De seguida, transferiu-se para a Companhia de Incêndios (designada Corpo de Salvação Pública a partir de 1889), assumindo o cargo de comandante.

³ José Rodrigues da Cruz. Na altura ex-bombeiro voluntário do Porto e jornalista. Agradecemos a informação prestada por Adriano Silva, da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

CONTEXTO HISTÓRICO

Desde o início da segunda metade do séc. XIX, Portugal vive uma importante dinâmica associativa, sob influência dos ideais da Revolução Francesa, o que levou a um incremento do voluntariado e do associativismo por todo o País. É neste contexto que despontam as primeiras associações de bombeiros voluntários. A 18 de Outubro de 1868, em reunião presidida pelo Barão de Mendonça, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, foi deliberado criar a *Companhia de Voluntários Bombeiros de Lisboa* (mais tarde denominada *Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa*), constituída por 26 sócios, que ficou adstrita ao Corpo de Bombeiros Municipais. Seguiram-se as de Santarém (1871), Covilhã (1875) e Porto (1875). No Porto, portanto, com especial labor por parte de Alexandre Teodoro Glama, foi criada a *Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto* (1875), que em pouco tempo conseguiu reunir modernos instrumentos de combate adquiridos noutros países europeus, enquanto o Serviço de Incêndios Municipal beneficiou do interesse do presidente camarário portuense, José Augusto Correia de Barros, antigo chefe do Serviço de Incêndios, em Lisboa.

Entretanto, e ainda em Lisboa, surgem os *Salvadores Bombeiros do Grémio Humanitário de Portugal*, de curta existência, resultando de uma cisão na então *Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ajuda*. Da intervenção dos Salvadores, consta que nunca mereceram a simpatia do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa, supostamente devido a questões de estatuto que durante décadas rivalizaram voluntários e profissionais. Em 1886, a corporação desvinculou-se do Grémio Humanitário de Portugal e deu lugar à *Associação dos Salvadores Bombeiros Voluntários* (extinta em 1888).

A imprensa corporativista associada aos bombeiros existia assim ao mesmo tempo que se cumpriam a organização e o melhoramento dos meios de combate aos incêndios.

A primeira Direção da Associação foi presidida pelo Visconde da Ribeira Brava e no lugar de 1.º Secretário ficou precisamente Guilherme Gomes Fernandes, com nomeação efetiva para comandante a 11 de Julho de 1877, alguns meses depois da criação do periódico *O Bombeiro Portuguez*.

Guilherme Gomes Fernandes acabaria por se assumir como a figura central da corporação dos bombeiros do Porto, sendo a alma desta corporação e, mais tarde, a 18 de Agosto de 1900, da conquista, em Vincennes (arredores de Paris), do Concurso Internacional de Bombeiros, por parte de um piquete de bombeiros do Corpo de Salvação Pública do Porto, sob o seu comando precisamente a partir desse ano. Isto apesar de o País ainda estar atrasado, em termos de meios de combate aos incêndios, em relação a outros países europeus. Nascido na Baía (Brasil), veio para Portugal em criança, estudou em Inglaterra e fez parte da burguesia portuense, dada a fortuna herdada do pai. Foi proprietário de uma casa comercial de artigos de incêndios (Rua Sá da Bandeira, 116-1.º, no Porto). Ajudou a fundar a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e o Corpo de Salvação Pública, sendo nomeado Comandante do Corpo de Bombeiros e Inspetor de Incêndios do Porto, tendo escrito vários livros e artigos sobre a técnica do combate do fogo.

DA NATUREZA AO CONTEÚDO

Nos números consultados deste periódico, naturalmente que se denota uma atenção especial à causa do combate de incêndios, às personalidades, aos meios e regulamentos, passando por pequenas ocorrências no País, desde incêndios a experiências com material, e novidades em diferentes partes do mundo. Mas também há notícias de índole geral, como expediente, publicações recebidas e manifestações teatrais, até porque algumas destas eram organizadas a favor do Bombeiros – a festa do Circo Olímpico (31 de maio de 1879) foi noticiada no número seguinte (2 de junho) e caracterizada como “uma festa tão magnificente, tão sympatica, merece em verdade o lugar d’honra n’este quinzenário, destinado a archivar tudo o que diga respeito a estas instituições humanitárias e civilisadoras, que brotam d’um sentimento santissimo – o da caridade para com os que sofrem.”

Mas o contexto do País não era fácil. Escrevia-se sobre as diversas fases por que passaram as companhias de incêndios, “umas de brilhantismo e engrandecimento, outras de miséria e decadência” (1 de abril de 1880), realidade sobre a qual o periódico pretenderia manter a imparcialidade. Regularmente havia conselhos a dar aos bombeiros, como desaconselhando o uso do capacete de metal e dando conta das respetivas desvantagens, ou seja, ser pesado, deteriorável e de difícil limpeza, mas tal sugestão não teria consequência prática.

O Bombeiro Portuguez terá coexistido com outras publicações congêneres, embora claramente enquadradas em estruturas associativas ou corporativas do sector. Refira-se outro quinzenário, também ilustrado e do Porto, *O Bombeiro*, fundado a 1 de agosto de 1889, com o subtítulo *órgão dos bombeiros voluntários portuenses*, dirigido por Luiz da Terra Pereira Vianna, publicado até janeiro de 1892, com números de 8 e 10 páginas, a duas colunas e uma capa de cor. Na primeira página, inseria sempre o retrato, em fotogravura, de um bombeiro graduado de qualquer das corporações existentes no País. A 10 de Dezembro de 1891, ainda no Porto, surgia o primeiro número de um outro periódico, *O Bombeiro Voluntário*, dedicado à defesa das corporações de bombeiros voluntários do País e especialmente da corporação do Porto, à época em acesa luta com a Inspeção Geral dos Incêndios, terminando a sua publicação em Maio de 1892.⁴

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

O bombeiro portuguez : folha quinzenal. Porto : Imprensa Civilização [Tipografia Oriental], 1879-1884.

Por Jorge Mangorrinha
Lisboa, Hemeroteca Municipal, 1 de Junho de 2016

⁴ Os dois títulos encontram-se disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal.